



ABORDAGEM
INCLUSIVA PARA
ALUNOS
COM DEFICIÊNCIA NA
PÓS-GRADUAÇÃO

CARTILHA COM ORIENTAÇÕES PARA UM
ATENDIMENTO HUMANIZADO





VALDINEY VELOSO GOUVEIA
REITOR

LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE
VICE-REITORA

LEONARDO WANDERLEY LOPES
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

RAFAEL PAULO DE A. MONTEIRO MELO
COORD. COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

MARIA NATÁLIA SANTOS CALHEIROS
VICE-COORD. COMITÊ DE INCLUSÃO E
ACESSIBILIDADE

DINA PEREIRA DE MELO
ELABORAÇÃO



CARO PROFESSOR,

Esta cartilha contém recomendações sobre como melhorar a abordagem didática junto ao seu aluno com deficiência e/ou necessidades específicas.

Longe de ser taxativa, orienta para uma postura mais atenta e acolhedora em sala de aula.

Da mesma maneira que qualquer aluno da graduação, o pós-graduando também conta com direitos e sabe das suas responsabilidades.

No entanto, a demanda por atingir metas em prazos muitas vezes apertados pode atrapalhar o rendimento daqueles que têm uma deficiência ou neurodivergência.

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), lei nº 13.146 de 2015, assegura prazos mais flexíveis para quem tem deficiência ou NEEs, além da oferta de um ensino adaptado.

As medidas servem para incentivar a permanência do estudante no ambiente universitário.

Estudantes com deficiência não podem ser inseridos sem a adoção de medidas adaptativas. Estas, segundo o art. 28, item III, da LBI, devem respeitar as necessidades e características individuais, para que o aluno tenha acesso ao currículo em condições de igualdade. Portanto, converse com ele para ajustar a metodologia de sua disciplina.

Isso inclui material adaptado e recursos de acessibilidade disponíveis (intérprete de Libras, escrita Braille, ampliação dos caracteres, leitor de telas, redistribuição do mobiliário da sala de aula, relocação de aulas para o piso inferior, tempo adicional para as avaliações etc).

Acima de qualquer lei, é necessário mobilizar-se interna e coletivamente em prol da diversidade.

Atente-se a fatores que podem ser gatilho para a ansiedade do seu aluno.

Ao invés de uma conquista, a universidade pode significar a desistência de um sonho.

DEFICIÊNCIAS E
NECESSIDADES
ESPECÍFICAS MAIS
COMUNS MAPEADAS
PELO CIA E SUAS
DEMANDAS

De acordo com um mapeamento realizado em dezembro de 2023 pelo Comitê de Inclusão e Acessibilidade, dos 385 estudantes com deficiência ou NEE, 360 têm cadastro ativo no SigaA.

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) lidera o número de ocorrências (122), seguido pelo de baixa visão (43), de transtornos de ansiedade (32) e do Espectro Autista (26).

TDAH

O foco é reduzir os campos de dispersão da atenção do aluno. Sendo assim:

- Diminua distrações visuais e auditivas. Implica posicionar o estudante longe de portas e janelas;
- Divida as tarefas em etapas menores, com instruções claras e diretas;

TDAH

- Use recursos visuais, como gráficos e cronogramas, para explicar os conteúdos.
- Conceda um tempo extra para completar as tarefas, quando necessário;
- Permita que o aluno se levante em alguns momentos;

TDAH

- As provas devem ser enxutas, objetivas, curtas, sem pegadinhas;
- Forneça feedback positivo e reforço;
- Diversifique a rotina de aulas. A pessoa com TDAH tende a se entediar rápido.

DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual engloba a baixa visão e a cegueira.

Ambas as condições são bastante diversas, exigindo do professor conversar com o aluno sobre as adaptações necessárias. No geral:

- Descreva o conteúdo visual que apresenta no quadro e em slides;

DEFICIÊNCIA VISUAL

- Altere o mobiliário da sala para prevenir acidentes de locomoção;
- Pergunte se o aluno usa recursos como o Braille, leitor de telas, lentes, ampliadores para estudar;
- Zele pelo silêncio no ambiente, pois a audição é um sentido fundamental para a concentração do aluno;

DEFICIÊNCIA VISUAL

- Cores contrastantes, como o preto e branco, e fonte ampliada geralmente são bons aliados;
- Só use recursos audiovisuais com audiodescrição;
- Conte com o Núcleo de Educação Especial (Nedesp) para orientações e adaptações de textos (nedesp@ce.ufpb.br).

ANSIEDADE

Os transtornos de ansiedade impactam decididamente a qualidade de vida e o rendimento acadêmico. Há saídas para tornar as aulas mais agradáveis para quem sofre de ansiedade patológica:

- Crie um ambiente onde os alunos se sintam à vontade para expressar seus sentimentos, preocupações e desafios;

ANSIEDADE

- Evite a sobrecarga. Um volume excessivo de estudos pode contribuir para a ansiedade;
- Promova a empatia, a comunicação eficaz e a construção de relacionamentos interpessoais positivos.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

Apesar de a surdez também ser uma deficiência auditiva, decidimos separar as duas, para fins didáticos:

A surdez se caracteriza por uma perda auditiva maior que 41 dB. Diferentes níveis de perda exigirão diferentes adaptações.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

A pessoa com DA se reconhece no mundo ouvinte e usuária do Português. Terá estratégias comunicativas outras que não a Libras, como aparelhos auditivos, oralização e leitura labial.

O surdo sinalizante reconhece na Língua Brasileira de Sinais a sua forma de comunicação. Pode até oralizar, usar aparelhos e ler lábios, mas se situa culturalmente como membro da comunidade surda.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

- A abordagem mais adequada para ambos é tornar a aula mais visual, com recursos imagéticos;
- O surdo terá direito ao intérprete, que deve ser solicitado pelo site do CIA;
- Os que fazem leitura labial precisarão que o professor se posicione de frente a ele, falando devagar e expressivamente;

DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

- Os textos para o surdo devem ser enviados para o CIA com antecedência, que fará a tradução para a Libras;
- Alguns surdos podem ter sérias dificuldades com a Língua Portuguesa, preferindo utilizar a sinalização nas atividades.

AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista envolve abordagens diversas em sala de aula. Adapte o que for necessário.

- Os autistas são apegados a rotinas, de modo que alterações podem desequilibrá-los;
- Recursos visuais têm demonstrado maior potencialidade de proveito;

AUTISMO

- Simplifique explicações, seja direto e objetivo nas aulas;
- Barulhos, calor e excesso de gente podem desencadear uma crise;
- Ofereça mais tempo para as avaliações;
- Permita que o aluno faça trabalhos individuais, ou substitua apresentações verbais por escritas ou vídeos.

DEFICIÊNCIA FÍSICA

Pessoas com deficiência física apresentam disfunções funcionais e, geralmente, precisam do suporte de terapia assistiva. Isso requer adaptações do processo avaliativo, com mais tempo para executá-las ou metodologia individualizada:

DEFICIÊNCIA FÍSICA

- Investigue se o estudante faz uso eficiente das tecnologias de órteses, próteses e comunicação alternativa. O Laboratório de Vida Independente e Tecnologia Assistiva (Lavita) pode orientar os usuários;
- Adapte o mobiliário da sala para recebê-lo. Aulas em ambientes não acessíveis devem ser realocadas;

DEFICIÊNCIA FÍSICA

- O estudante tem o direito de transitar com segurança e liberdade a outros locais, como WCs adaptados, biblioteca, praça de alimentação, coordenação e xerox;
- Identifique os recursos didáticos especiais de que ele possa necessitar, para solicitá-los junto ao CIA.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

É importante, antes de tudo, investigar em qual estágio cognitivo o aluno está. Por vezes, nem a própria pessoa sabe que tem algum atraso intelectual - por isso ser necessária uma intervenção.

- O CIA, o Nedesp e a Clínica de Psicopedagogia, no Centro de Educação, são parceiros nesta avaliação;

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

- Depois desta etapa, é preciso adequar a complexidade das atividades à idade mental do aluno;
- O aluno deve desenvolver as partes cognitiva, afetiva, estética, ética e inserção social. Atividades em grupo demonstram possibilidades de troca, com ganhos socioemocionais;

DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL

- O professor não deve se distanciar do currículo.
Melhor: deve aproximar o aluno dele, adaptando-o o máximo possível.

DISLEXIA

A dislexia é uma perturbação na aprendizagem da leitura pela dificuldade no reconhecimento da correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, bem como na transformação de signos escritos em signos verbais.

- É comum o disléxico apresentar confusão na escrita e/ou trocar letras;

DISLEXIA

- O dislético pode apresentar alterações auditivas e/ou visuais que atrapalham a percepção da escrita;
- Tal disfunção confere processamento lento da leitura, risco de desorganização e, conseqüentemente, baixa autoestima;

DISLEXIA

- A orientação espacial, a realização de cálculos e o cumprimento de prazos também ficam afetados;
- Pelo fato de não conseguir plenamente entender o que lê, o disléxico não pode seguir o mesmo ritmo de aprendizado da turma, dependendo de estratégias personalizadas;

DISLEXIA

- As estratégias de ensino devem prezar pela utilização de materiais em áudio e ajuda na realização de tarefas escritas, além de suporte com fonoaudiólogo;
- A elaboração de uma rotina de estudos e de mapas mentais também servem de suporte;

DISLEXIA

- Professor, reduza o volume de leituras e as distrações em sala de aula, conceda um prazo maior para as atividades e modifique trabalhos e pesquisas segundo a necessidade do aluno;
- Varie os modos de avaliação para apresentações orais, participação em discussões e provas de múltipla escolha.

CONTE COM O CIA E SUA REDE DE
SERVIÇOS VINCULADOS PARA
DÚVIDAS E ORIENTAÇÕES.

 (83) 3216-7789

 (83) 3216-7973

 @ciaufpb

 cia@reitoria.ufpb.br

